

Ana Rosa Chagas Cavalcanti

Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e mestranda (DEHA). Possui artigos em revistas nacionais (VITRUVIUS) além de trabalhos em artes visuais (ITAU CULTURAL) e design (MOCOLOCO – UK).

ARQUITETURAS DA RESISTÊNCIA - O COLETIVO BIJARI

Sobre o discurso da resistência na contemporaneidade

Podemos discorrer sobre diversas interfaces do processo de resistência na arquitetura contemporânea. Dentre elas destacam-se algumas manifestações alternativas que ocorrem na malha urbana (a exemplo de favelas, camelôs e ocupações irregulares). Estes acontecimentos são resistências, pois eles não são previstos pelas práticas homogeneizantes de planejamento urbano.

Na contemporaneidade as práticas urbanas que tentam homogeneizar o espaço passam por uma crise. Esta crise implica em não podermos interpretar o mundo apenas sob um ponto de vista - quer seja interpretar o espaço por uma teoria única e fixa ou contar a sua história sob um fio condutor.

O urbanista passa então a ouvir a multiplicidade revelada pelo espaço, suas várias interfaces, movimentos e fluxos. Para isso, se desprende de termos que o conceituam de modo fechado e se propõe a ouvir suas particularidades. Sobre este processo de abertura que se dá no período "Pós-modernidade", o filósofo Lyotard defende que presenciamos o fim das "metanarrativas", ou seja, o fim dos tempos em que uma grande história ou regra poderia explicar, unificar e interpretar o mundo e o espaço.

Pensar no espaço como um lugar que pode ser enquadrado apenas por uma narrativa ou um modelo pressupõe planejar uma ordem (prever um esquema ou mecanismos de controle) para fazer funcionar todas as suas dinâmicas. Os sistemas econômicos ou as estratégias de planejamento urbano podem ser citados como exemplos.

Toda "resistência" (o fora dos "padrões") é entendida como "transgressão", ou seja, um acontecimento "outro" mediante a ordem do discurso que prevalece. Durante muito tempo - no que tangencia o estudo do espaço - toda transgressão ou diferença deveria ser combatida, a ponto de não ser discutida ou estudada a fundo, o que prejudicou a compreensão da complexidade do espaço pelos estudiosos.

Um exemplo disto é o acontecimento da modernidade para a arquitetura e o urbanismo. O urbanismo moderno unificou práticas, técnicas e funções criando espaços segmentados - fronteiras na cidade. Passada a modernidade, já se sabe que um dos principais pontos negativos deste processo é a exclusão do "diferente" (BAUMAN, 1999) ou até mesmo o planejamento de "um lugar" para o diferente na cidade.

Na prática são os conjuntos residenciais populares em locais afastados dos centros urbanos, os processos de gentrificação e a setorização da malha urbana. Com este raciocínio, por muito tempo se produziu reformas urbanas excludentes.

Para Michel de Certeau (sociólogo especialista no estudo "do outro" e do "diferente") os fazeres técnicos e a constante dependência do mundo a sistemas de controle e vigilância das massas - como a instituição, a tecnocracia e a organização econômica - construíram um mundo onde o "diferente" é oprimido e escondido.

Desenham-se duas frentes: de um lado a instituição e do outro as vozes silenciosas. As estruturas de poder são claras e definidas para que possam estar sob o controle democrático. Para Ryoky e Ortellado as estruturas informais são as mais ardilosas porque não se deixam ver com clareza. As estruturas informais são consideradas tiranas porque não podem ser claramente identificadas nem submetidas formalmente ao controle coletivo.

Na cidade, as ocupações irregulares e a malha institucional são exemplos desta dicotomia. Enquanto os fazeres técnicos ajudam a produzir uma série de normas que envolvem a vigilância e produção de espaços, existe também apropriação de terra urbana ilegalmente e modos alternativos de obtenção dos serviços oficiais de infra-estrutura da cidade (gambiarras, gatos). Eles são exemplos de obtenção de proveito do oprimido pelo opressor.

E já que os processos da urbanização já não são passíveis de serem enquadrados em um modelo único, entendê-los significa entender a multiplicidade de suas dinâmicas, incluso o estudo do "diferente", ou seja; o entendimento das lógicas daqueles que resistem. Agora que o espaço é entendido como um lugar de muitas narrativas existentes em um mesmo espaço e tempo, há a necessidade de ações no campo da arquitetura e urbanismo coerentes com o momento vivido.

Contemporaneidade: tempo de evidenciar as micropolíticas

Alguns aspectos anteriormente absorvidos com certa preocupação pela lógica dominante do espaço podem servir de alternativas para construção de uma cidade mais justa e, por isto, merecem ser estudados.

A micropolítica do cotidiano engloba todos os que subvertem as regras impostas, tradicionais: Elas podem ser subversivas aos valores predominantes, pois permitem evidenciar aspectos básicos da existência das pessoas - os "esquecidos" pelos grandes discursos. Pela homogeneização da vida (como anteriormente abordado) se produzem minorias: esquecidas e marginalizadas.

"As micropolíticas (...) permitem evidenciar as práticas silenciosas, ela é uma metáfora de nossa própria capacidade de ação centrada em nós mesmos, no que pensamos, decidimos e fazemos em cada momento e em todos os dias do ano." (ALLIAGA, CORRAL e CORTÈS, 2001).

O surgimento do termo se dá ao mesmo momento em que se põem em voga conceitos como redes, rizomas, ecosofia (GUATARRI, 1999) ou transversalidades (SANTOS, 1996). Estes termos que contestam muitos paradigmas modernos e criam oportunidade para aberturas no pensamento que podem servir para crítica urbana, pois defendem o espaço do movimento, das trocas, dos câmbios e dos fluxos. A cidade de maneira aberta.

O que motiva esta mudança nos discursos acadêmicos é que quando se fixa uma objetividade se perde algo essencial que é o "devir" (DELEUZE, 1995). O "devir", termo que vêm da palavra francesa devenir, é o movimento (o acontecimento, o constante tornar-se), ou seja, eles podem revelar o potencial de mudança de um espaço e a captura do instantâneo. Nestes tempos em que a filosofia e a sociologia discutem fluxos e movimentos, não é possível interpretar a arquitetura por padrões fixos. As possibilidades existem muito além do imutável.

Uma arquitetura da resistência

Falar de espaço na contemporaneidade é muito mais tratar do "micro" do que do "macro" (SANTOS, 1995). E já que, contido no micro, o estudo do espaço torna-se uma tarefa que toma partido de particularidades, alguma delas subjetivas, como o desejo (DELEUZE e GUATARRI, 1996).

Fazer arquitetura da resistência é propor espaços onde as convenções são questionadas, onde há lugar para as possibilidades e para as trocas. Pode estar a fazer arquitetura um morador de rua, uma grande corporação, um menino que brinca no parque dispendo territórios no espaço, uma instalação urbana - eles compõem estratos e fluxos diferenciados na cidade. A praia é uma cidade, tanto quanto a rua, a calçada, a habitação, a obra de arte, a imaterialidade de um som, a imagem, ou o desejo de construir. Diferentes arquiteturas que revelam tanto a "cidade" quanto uma cidade concreta, visível.

Para Deleuze, o lugar da arte para a formulação desta crítica é muito importante. Sendo a arte o terreno fértil para experimentação e criação, podemos perceber nos trabalhos de diversos artistas o estudo da arquitetura sob um caráter aberto e crítico, coerente com as demandas contemporâneas. Escolhe-se o espaço produzido pelo artista porque o mesmo reside no desejo. E o desejo de mudança pode ajudar a construir ou elucidar espaços de maneira sensível.



Arquiteturas abertas

"Kunst ist Leben und Leben ist Kunst." (Arte é Vida e Vida é Arte). (Collective Creativity Kollektive Kreativität 2005)

Nas grandes metrópoles podemos observar o crescente surgimento de coletivos que evidenciam aspectos relativos ao espaço e suas contradições.

"Percebe-se um aumento dos coletivos dentre os artistas nos últimos anos. Dentre eles, podemos citar: G.A.C (Grupo de arte callerero), Etcétera, Radek, Coletivo Situaciones, Bureau d'études, Die üblichen çih çhie , Meine Akademie, Mesa de Escrache Popular , TVComunitaria, What has to be done?, WhW, plataforma 9,81, Madrid. Action em tiempo real."(Arte e Contexto, 2002).

Mais especificamente, na cidade de São Paulo (metrópole que guarda fortes polaridades sociais) os coletivos criam formas de desenho criativo que tangenciam arte e, política e espaço, por vezes trabalhando através de atos colaborativos como a união entre movimentos sociais e artísticos. Eles mostram-se cada vez mais relevantes por trabalhar com as "micropolíticas" da cidade e por concretizar experiências abertas no espaço.

"Coletivos Brasileiros (...). Bijari, André Mesquita. Frente 3 de Fevereiro. Tupi não dá, Contrafilé.."(Arte e Contexto, 2002).

Práticas distintas como o que abrangem desde a investigação estética, o conhecimento técnico até o ativismo/guerrilha, se fundem criando novos dispositivos para intervenções na vida pública e contribuindo para criação de novas formas políticas e estéticas na cidade.

O coletivo Bijari busca maneiras de se posicionar frente a estas questões através de ações pensadas como: criação de mensagens contra-mídia, imagens dissidentes, ações provocativas tendo a paisagem urbana como contexto e repertório do espaço.

O grupo possui um manifesto a favor de uma arquitetura aberta nomeado "Arquitetura da Resistência". Como arquiteturas da resistência o grupo registra as arquiteturas "do diferente". São construções de caráter



Fig.1 (esquerda): Obra do coletivo Bijari "Arquitetura da Resistência" - objetos outros significam arquiteturas, Instituto Copiabianco, São Paulo, 2005.

Fig.2 (direita): Obra do coletivo Bijari "Galinha Antipop". São Paulo, 2005.


"clandestino", feitas sobre e para o tecido urbano "como carroças, barracas de camelôs, homens-placa, tabuleiros, bólides para venda de DVDs, etc". Nestes trabalhos os "modos de fazer arquitetura" são medidas criativas frente às restrições da cidade oficial (controladora e padronizadora).

Nela transparece o desenho de adaptação e existência na cidade. Desta forma o caráter não-oficial da cidade é discutido, possibilitando outros olhares, suscitando reflexões sobre os fenômenos arquitetônicos "do outro", afirmando a imagem a princípio outra, como própria da cidade real. O Coletivo evidencia o caráter aberto do espaço, formado por vontades, interesses, movimentos e fluxos e não mais o espaço onde existem duas fronteiras, a da formalidade e a da informalidade.

Utilizando-se de um objeto analisador, neste outro trabalho o coletivo propôs uma reflexão sobre cidade segmentada. A abordagem da arquitetura neste trabalho é a relação do cidadão com o espaço público. O objeto analisador (uma galinha) foi posto em meio ao bairro (espaço que abarca diferentes pólos econômico-sociais da cidade). O primeiro espaço foi uma ilha de pedestres no Largo da Batata e o segundo em um famoso shopping Center na Av. Faria Lima.

"A galinha funcionou então como uma espécie de termômetro que nos revelavam dicotomias sobre como pensam pessoas que habitam o mesmo espaço. De um lado, a galinha era a Solução! De outro, era um problema!"

A obra busca evidenciar e expor os comportamentos sociais típicos de cada nicho urbano. Cada espaço possui diferentes regras que impõe para o cidadão, acaba adquirindo universos particulares de uso e de status social.

Em seus trabalhos, o Grupo Bijari lida com um conflito extremamente contemporâneo. As intervenções tentam abarcar a diferença entre como enxergar uma possibilidade para a realidade. Eles questionam: quais são os limites que isolam os espaços? Quantas fronteiras existem e não são visíveis? Estes questionamentos surgem quando se rompem preconceitos sobre o que é o espaço ou a cidade contemporânea. 

REFERÊNCIAS:

ALIAGA, Juan Vicente; CORRAL, Maria; CORTÉS, José Miguel. Micropolíticas – arte y cotidianidad 2001 – 1968. Madrid: ESPAY D'arte contemporary de Castello, 2001. 485p.

BAUMAN, Zigmund. (1999) O mal estar da pós modernidade. Tradução Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. São Paulo: Jorge Zahar, 2006.

BAUDRILLARD, Jean. (2004) À sombra das maiorias silenciosas. São Paulo: Brasiliense, 2004. 124p.

RYOKY, André; ORTELLADO, Pablo. Estamos Vencendo – Resistência Global no Brasil. São Paulo: Baderna, 2005. 176p.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 352p.

DELEUZE, G; GUATTARRI, F. (1992) Mil Platôs, capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suelly Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1996 (Coleção TRANS, volume 3). Pg 76-110: capítulo 9.

DELEUZE, Gilles. Pós-Scriptum sobre as Sociedades do Controle. Conversações: 1972-1990. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992. p. 219-226.

HERVEY, D. (1994) A condição pós moderna. São Paulo: Loyola, 2000. 352p.

LYOTARD, Jean-François. (1998) A condição pós-moderna. São Paulo: José Olympio, 2008. 132p.

ROLNICK, Suelly; GUATTARRI, Felix. (1996) Cartografias do desejo. São Paulo: Editora Vozes, 2005. 327p.

SANTOS, Milton. (2001) A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2008. 392p.

Livros de artistas consultados:

Bijari book art, 2006.

Collective Creativity Kollektive Kreativität Kunsthalle Fridericianum – Kassel 01.05 – 17.07.2005. Ausstellung / Exhibition. Eine Kooperation von Kunsthalle Fridericianum, Kassel. Siemens Arts Program, München - Deutschland.

Journal of AESTHETICS and PROTEST- June 2001, Los Angeles. Editors Carla Balwin, Marc Herbst, Cristina Ulke.

Latin Art. Maio 2007.

ART (E) CONTEXT(O).

Arte cidadania.org.br entrevista com Bijari.